

DOCE DE JACA

Janaína Perotto

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2021

Prefácio

Este livro foi editado e publicado durante a pandemia do coronavírus, momento em que a vida familiar ganhou novas dimensões, com convívio ininterrupto ou afastamento obrigatório. O medo do desconhecido, do elemento externo, também se avolumou, sobretudo para aqueles que não tiveram o privilégio de se isolar. A sensação de espera prolongada – confirmada pelo real – balançou a noção que tínhamos do tempo e aumentou nossas desconfianças sobre o futuro, com sua eterna propriedade de nos escapar pelas mãos. Diante desse cenário, os questionamentos do mundo interno (o da casa, dos afetos e do próprio ser) para o mundo externo são imensos, e nos colocam o desafio de pensar em respostas possíveis para as relações no pós-pandemia.

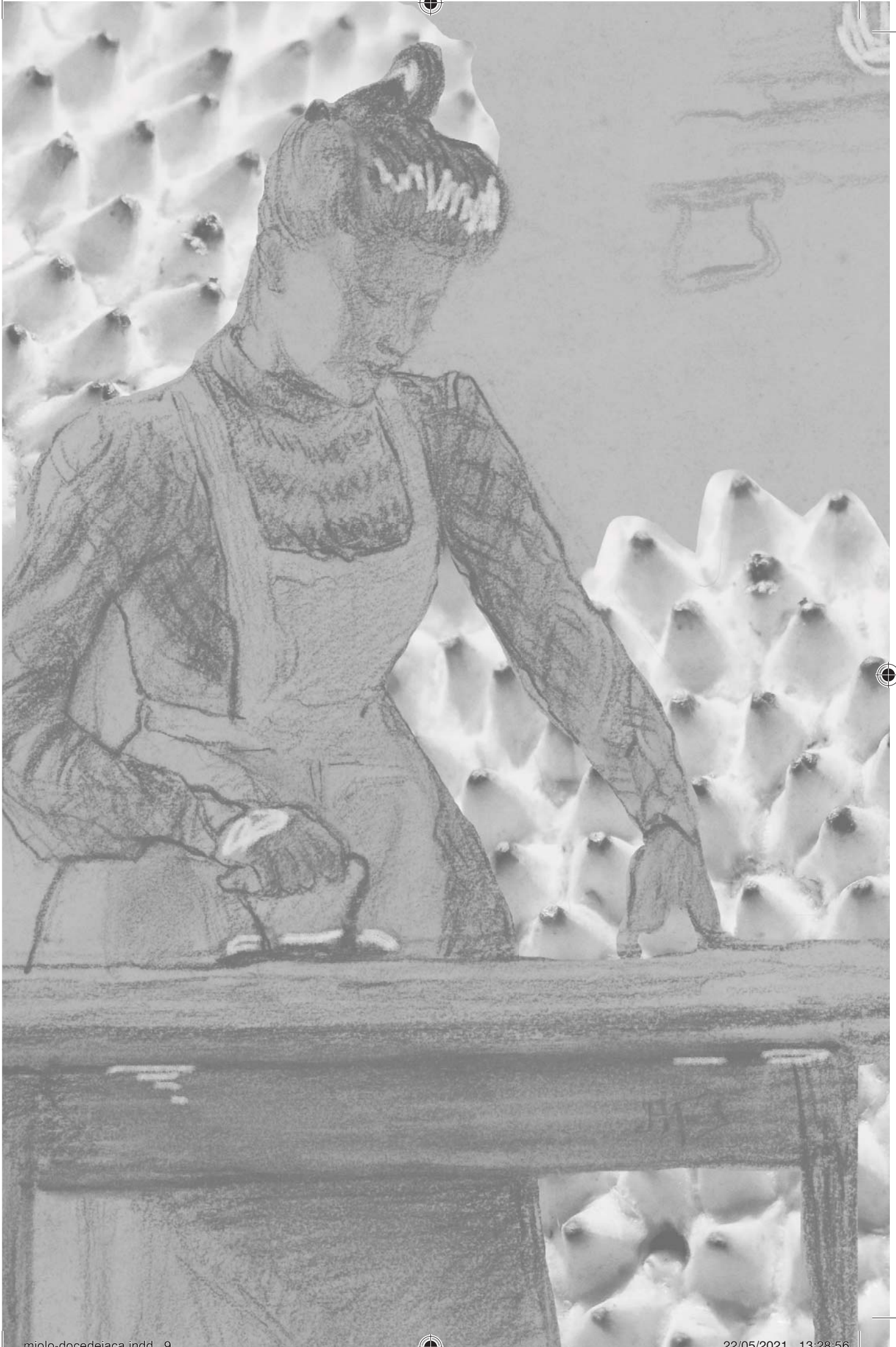
As histórias aqui contadas podem soar como vindas de um passado ainda mais remoto, como se a distância cronológica em que habitam não pertencesse à esfera do que agora tentamos decifrar. No entanto, a voz narrativa dos contos – a de uma menina em transformação ao longo da passagem dos anos – pode oferecer um paralelo com a aparente suspensão

do tempo atual: as crianças não possuem autonomia plena, e a maior parte de suas decisões é tomada pelos adultos... mas elas observam e refletem sobre a realidade que as cerca, para compor a potência do porvir. Nesse olhar atento para nossas vivências reside a capacidade de imaginar e direcionar o caminho que desejamos percorrer.

Assim como as vozes literárias do passado ecoam no presente, a literatura contemporânea busca compreender e dialogar com o agora, mantendo viva a conexão entre todas as épocas, com as incertezas e imperfeições que nos fazem tão humanos. Como dito por Ryane Leão, escritora que nos inspira com o vigor de sua existência: o refúgio está na memória contada em voz alta, porque as palavras ficam no universo para sempre.

Janaína Perotto

Rio de Janeiro, maio de 2021.



Ruptura

Alguns toques e temos um começo. Um balbuciar ou uma frase inteligível que chegue aos olhos de alguém. Não tem sido simples, esse romper da casca, mas é certo que, se não insistir, me asfixio. Qualquer um que tenha visto o nascer de um ganso poderá entender. A mamãe – que só existe nas historinhas – não interfere, e avançará caso alguém ouse chegar perto de sua prole. Digo isso porque já vi acontecer. Uma vez, tentei ajudar, cutucando o ovo aflito com a ponta de um galho. Ela não deixou. Deu um passo de gansa à frente, inclinando o pescoço duro, a língua cinzenta em riste:

Isso não é da sua conta, cada qual com seu bico. Fique bem aí onde está, sentada nessa pedra. Ou saia daqui e volte para debaixo daquela asa quebrada. Ou pegue logo a direção do rio e aprenda a nadar. Pelo que posso ver, você já é bem grande.

Não esperei o fim da eclosão. A demora me venceu e acabei voltando para o lugar de onde não saí, mesmo agora que estou velha, a ponto de perder as próprias penas. A casca aderiu ao meu corpo e ameaça os órgãos. Preciso romper, empurrar a asa caída e grasnar.

Acordei com gritos. Minha mãe invadiu o quarto, derrubando tudo ao seu alcance. Bonecas, luminária, livros, cadernos e o porta-lápis; tudo pelos ares e depois no chão. Me encolhi debaixo do lençol, ela desviou. Em cólera, avançou para a cômoda e revirou cada uma das gavetas. Saiu, enfurecida, pisoteando a montanha de objetos diante da porta.

Ouvi um estalo seco, algo na primeira camada geológica. Quando o silêncio voltou, escavei em busca de sobreviventes. Era tarde. Minha flauta doce estava quebrada. Uma cratera se abriu e não era possível enxergar o fundo.

Mas você tem coragem de escrever essas coisas? Não. De todo modo, não sou eu quem escreve. São as palavras que se ditam, expulsando cenas que as eras glaciais protegem. Se esbarro em alguma verdade, é por mera coincidência, como nas obras de ficção.

Doce de jaca

Estatelada rente ao meio-fio, a jaca arreganha suas sementes envoltas em gosma doce e espessa. Sob o sol do verão carioca, o cheiro inconfundível e polêmico atravessa os bairros, impregna o tempo e me lembra, sempre, que as distâncias são relativas, ou mesmo imaginárias; que a infância nos sente a falta; e que as mulheres, às vezes, demoram a perceber certas coisas sobre os homens.

Eu esperava abraçada à minha avó, dentro de um fusquinha atolado no areal da praia do Coqueiro. Do lado de fora, minha mãe e uma de suas tias empurravam o carro; no banco da frente, agarrada ao volante, uma prima afundava o pé no acelerador. *Eu avisei que a maré ainda não tava seca!*, foi o que ela gritou. Um casal que passeava chegou correndo para ajudar e o carro firmou os pneus. Era dia de conhecer a minha bisa, que morava com mais um dos muitos primos da mamãe. Eu era pequena, e não me lembro do resto do caminho até sua casa. Lembro da espera sobre a areia e tento desenhar o resto do mapa até aquela anciã que se queixava de abandono.

janainaperotto@gmail.com
@janaina.perotto



Auroras é um selo da editora Penalux dedicado exclusivamente
à publicação de mulheres:

E-MAIL

auroras@editorapenalux.com.br

INSTAGRAM

[@seloauroras](https://www.instagram.com/seloauroras)

LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Tinos pela Editora
Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em abril de 2021.
